

**UMA DISTINÇÃO DE PREDICADOS DAS IDEIAS PLATÔNICAS NOS
TÓPICOS**

[A DISTINCTION OF PREDICATES OF THE PLATONIC IDEAS IN THE TOPICS]

André Luiz Braga da Silva

anbanguera2005@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4140-2570

*Doutor pela Universidade de São Paulo e pesquisador convidado (séjour de recherche post-doctoral) no Centro
Léon Robin (Sorbonne Université).*

a Samuel F. e Doralice B. da Silva, amados pais

DOI: [10.25244/tf.v15i1.4464](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4464)

Recebido em: 13 de novembro de 2022. Aprovado em: 23 de janeiro de 2023

Caicó, ano 15, n. 1, 2022, p. 135-152

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i1.4464](https://doi.org/10.25244/tf.v15i1.4464)

Dossiê Aristóteles dito de muitos modos



Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

Resumo: Em *Tópicos* 137b3-13, Aristóteles diferencia duas perspectivas diferentes a partir das quais é possível distinguir os predicados de uma Ideia ou Forma inteligível platônica. Com base nesta distinção, os estudiosos desenvolveram importantes análises da assim chamada Teoria das Ideias apresentada nos diálogos de Platão (CHERNISS, 1944; OWEN, 1968; KEYT, 1969 e 1971; VLASTOS, 1972 e 1973). Após apresentar uma visão geral dessas análises, o artigo defenderá que a distinção aristotélica, como traçada nos *Tópicos*, é útil para pensar a ontologia platônica, mas, por outro lado, é incompatível com o modo como Platão entendia as Ideias. Em seguida, o artigo proporá uma nova versão da distinção de predicados das Ideias, inspirada pela distinção aristotélica. Por fim, o artigo mostrará que a nova versão da distinção é não apenas compatível com o texto dos diálogos, como é também útil para refletir sobre a ontologia platônica, especialmente sobre a noção de “participação”.

Palavras-chave: Platão; Aristóteles; Ideias; Tópicos; Predicação; Participação.

ABSTRACT: At *Topics* 137b3-13, Aristotle establishes two different points of view by which it is possible to distinguish the predicates of the Platonic intelligible Ideas. On the basis of this distinction, some scholars have developed important analyses of the so-called Theory of Ideas presented in Plato's dialogues (CHERNISS, 1944; OWEN, 1968; KEYT, 1969 and 1971; VLASTOS, 1972 and 1973). After presenting a short overview of these analyses, this paper will defend that the Aristotelian distinction, as drawn in the *Topics*, is useful to think the Platonic ontology, and, on the other hand, is incompatible with the way Plato understood his Ideas. Further, this paper will propose a new version of the distinction of predicates of the Ideas, inspired by the Aristotelian one. Finally, it will show that the new distinction is not only compatible with the dialogues, but is also useful to think about Platonic ontology, especially its notion of “participation”.

Keywords: Plato; Aristotle; Ideas; Topics; Predication; Participation.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

*Pois veja bem, ó nobre Críton: o falar
incorretamente não é apenas incorrer em erro,
mas fazer mal às almas.*

Personagem Sócrates platônico¹

1 UMA PASSAGEM DE ARISTÓTELES

A certa altura do texto dos *Tópicos* aristotélicos, é possível ler algumas interessantes informações sobre os entes inteligíveis que Platão apresentou em seus diálogos:

Ἐπει' ἐπιβλέπειν ἐπὶ τὴν ἰδέαν τοῦ κειμένου, ἀνασκευάζοντα μὲν εἰ τῇ ἰδέᾳ μὴ ὑπάρχει, ἢ εἰ μὴ κατὰ τοῦτο καθ' ὃ λέγεται τοῦτο οὐ ἴδιον ἀπεδόθη· οὐ γὰρ ἔσται ἴδιον τὸ κείμενον εἶναι ἴδιον. οἷον ἐπεὶ αὐτοανθρώπων οὐχ ὑπάρχει τὸ ἡρεμεῖν, ἢ ἄνθρωπός ἐστιν, ἀλλ' ἢ ἰδέα, οὐκ ἂν εἴη ἀνθρώπου ἴδιον τὸ ἡρεμεῖν. κατασκευάζοντα δὲ εἰ τῇ ἰδέᾳ ὑπάρχει, καὶ κατὰ τοῦτο ὑπάρχει, ἢ λέγεται κατ' αὐτοῦ ἐκεῖνο οὐ κεῖται μὴ εἶναι ἴδιον· ἔσται γὰρ ἴδιον τὸ κείμενον μὴ εἶναι ἴδιον. οἷον ἐπεὶ ὑπάρχει τῷ αὐτοζῳῶ τὸ ἐκ ψυχῆς καὶ σώματος συγκεῖσθαι, καὶ ἢ ζῶον αὐτῷ ὑπάρχει τοῦτο, εἴη ἂν ζῶου ἴδιον τὸ ἐκ ψυχῆς καὶ σώματος συγκεῖσθαι.

Considere-se [...] a ideia do sujeito proposto e veja-se, para fins de refutação, se a propriedade sugerida não pertence à ideia em questão, ou se deixa de pertencer-lhe devido àquela característica que lhe vale a descrição de que se enunciou a propriedade²: pois, nesse caso, o que se afirmou ser uma propriedade não será tal. Assim, por exemplo, como o “estar em repouso” não pertence a Homem em Si **com relação ao fato de ser homem, mas com relação ao fato de [ser] ideia**, não seria propriedade de homem o “estar em repouso”. Para fins construtivos, por outro lado, veja-se se a propriedade em questão pertence à ideia, e se lhe pertence sobre aquele aspecto devido ao qual se predica dele aquela característica de que se afirmou que o predicado em questão não era uma propriedade: pois, nesse caso, o que se negou que fosse uma propriedade será uma propriedade. Assim, por exemplo, como pertence a Animal em Si o “ser composto de alma e corpo”, e isto pertence a ele **com relação ao fato de [ser] animal**, o “ser composto de alma e corpo” seria propriedade de animal.

(ARISTÓTELES. *Tópicos* 137b3-13³ - grifos nossos)

Em que pese haver nos estudos aristotélicos uma grande querela sobre qual seria o real propósito de Aristóteles nos *Tópicos*⁴, para que não se perca o foco, o presente trabalho se

¹ PLATÃO, *Fédon* 115e4-6.

² Para a variação nos manuscritos com relação a *κατὰ τοῦτο etc.*, ver a nota de Brunschwig *ad. loc.* (in Aristote, 2007, p. 192).

³ ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução de L. Vallandro e G. Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores) – com modificações.

⁴ A querela diz respeito a se Aristóteles assume como próprias as posições teóricas que apresenta, por exemplo, sobre as Ideias, ou se seu propósito seria meramente “polêmico”, no sentido de apresentar argumentos que poderiam ser utilizados em discussões com um interlocutor que sustenta doutrinas “platônicas”. Para maiores

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

concentrar-se sobre a problemática com o platonismo que alguns grandes estudiosos viram na passagem acima. Vejamos seus comentários ao trecho.

2 COMENTÁRIOS À PASSAGEM

2.1 Cherniss

Em seu magistral estudo da relação de Aristóteles com o platonismo, Harold Cherniss (1944) explica que, nessa passagem, o Estagirita visa mostrar, primeiro, que é possível refutar a atribuição de uma propriedade a um sujeito “sob o fundamento de que ela não é uma propriedade da ideia correspondente *no sentido no qual é referido o sujeito* ao qual a propriedade foi atribuída”⁵. Em segundo lugar, continua o comentador, o mestre do Liceu também estaria a afirmar que é possível mostrar que um sujeito possui uma propriedade cuja posse lhe é negada, “em mostrando que a ideia correspondente possui essa propriedade e possui essa propriedade *não enquanto ideia mas enquanto ideia do sujeito dado*”⁶. Segundo Cherniss⁷, Aristóteles então exemplifica que “a imobilidade não pode ser predicada de homem como um *proprium*”, porque isso é uma característica da ideia de homem,

não [...] enquanto homem mas enquanto ideia; por outro lado, “complexo de corpo e alma”, sendo uma característica da ideia de animal **enquanto animal e não enquanto ideia**, deve ser um *proprium* de animal. Em outras palavras, a relação entre ideia e propriedade, de um lado, e entre sujeito e propriedade, do outro, é assumida ser idêntica, e a assunção requer a “**análise da ideia**” [...]. (CHERNISS, 1946 (1944), p. 1-2 - grifos nossos)

2.2 Owen

Para G. E. L. Owen (1968), nesta passagem dos *Tópicos* há pelo menos duas informações fundamentais. A primeira é a de que o fundador do Liceu concebe as Formas platônicas como *autopredicáveis* ou *autoexemplificativas*⁸. Envolvida em uma interminável querela na literatura

detalhes sobre a querela, ver *inter alia* Chernis, 1946 (1944), p. 1-12; Owen, 1986 (1968); Brunschwig, *in* Aristote, 1967, p. VII-XVII; Vlastos, 1973b; Smith, *in* Aristotle, 2003, p. XI-XVII.

⁵ CHERNISS, 1946 (1944), p. 1-2 - grifos nossos.

⁶ CHERNISS, 1946 (1944), p. 1-2.

⁷ CHERNISS, 1946 (1944), p. 1-2.

⁸ OWEN, 1986 (1968), p. 225; p. 232; 236; 237; cf. também CHERNIS, 1946, p. 1-5.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

secundária, a questão da “autopredicação” ou “autoexemplificação” das Formas inteligíveis é, até hoje, assunto extremamente abordado nas publicações de filosofia antiga⁹ – provavelmente, sendo mais debatido do que seria razoável aos olhos do próprio Platão. Assumir que ocorre à Forma a autopredicação é assumir que este ente não é apenas o correspondente inteligível de determinada qualidade, mas que efetiva e literalmente a própria Forma é um “espécime” da qualidade a que ela corresponde, isto é, que ela “exemplifica” ou “possui” a qualidade da qual ela é o correspondente. Em termos gerais: a Forma Φ seria ela também um ente F. Conforme visto no exemplo dado por Aristóteles nos *Tópicos*, a Forma de Homem seria também um homem, e a Forma de Animal seria também um animal. Outras passagens do *corpus aristotelicum* servem igualmente de evidência dessa posição de seu autor, das quais podemos citar:

ἀπορήσειε δ' ἄν τις τί ποτε καὶ βούλονται λέγειν αὐτοέκαστον, εἴπερ ἔν τε αὐτοανθρώπῳ καὶ ἐν ἀνθρώπῳ εἷς καὶ ὁ αὐτὸς λόγος ἐστὶν ὁ τοῦ ἀνθρώπου. ἢ γὰρ ἄνθρωπος, οὐδὲν διοίσουσιν

[...] haveria uma dificuldade sobre o que afinal eles [sc. os que afirmam a existência das Formas inteligíveis] querem dizer com “cada coisa em si”, se afinal tanto para Homem em Si como para homem [em particular] a definição é a mesma: a de homem. Pois, **com relação ao fato de [ser] homem**, eles [sc. Forma de homem e homem particular] diferem em nada [...]
(ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco* I 6 1096a34-b5 – grifos nossos)

Paralelamente a isso, Owen considera fundamental na passagem dos *Tópicos* uma segunda informação, cujo conteúdo está baseado nessa assunção da autopredicação eidética por parte de Aristóteles: a diferenciação entre dois tipos de propriedades identificáveis numa Forma platônica. Owen assim nomeia esses dois tipos de atributos da Ideia¹⁰:

“**Predicados A**”: propriedades da Forma de F devido ao seu *status* de Forma, isto é, propriedades comuns a todas Formas: propriedade da Forma de F *qua* Forma (*tò idion hyparchei tēi idéai tou F hēi idéa estin*). Exemplos de “Predicado A” para a Forma de Homem: os atributos “estar em repouso”, “ser eterno”, “ser imutável”, “ser invisível”, etc.

“**Predicados B2**”: propriedades da Forma de F que **definem** a Forma específica que ela é: propriedade da Forma de F *qua* F (*tò idion hyparchei tēi idéai tou F hēi F estin*). Exemplo de “Predicado B2” para a Forma de Homem: o atributo “ser mortal”.

⁹ A título de exemplo: ALLEN, 1960; VLASTOS, 1965, 1965/1966, 1969, 1972, 1973a e 1973b; NEHAMAS, 1972; etc.

¹⁰ OWEN, 1986 (1968), p. 225.

2.3 Keyt

À mesma época de Owen, D. Keyt visita essa distinção de propriedades em dois artigos (KEYT, 1969 e 1971). Neles, o comentador americano também reconhece na passagem dos *Tópicos* a assunção aristotélica da autopredicação, bem como a distinção entre os dois tipos de atributos eidéticos. Ainda que exiba, para esses tipos de atributos, termos diferentes e definições um pouco mais refinadas do que as de Owen, sua posição não é incompatível com a do outro estudioso¹¹:

“Atributos Próprios”: aqueles atributos de uma Forma cuja ausência em uma coisa ensinaria que esta coisa não fosse um particular participante de uma dada Forma.

“Atributos Ideais ou Formais”: aqueles atributos de uma Forma cuja ausência em uma coisa ensinaria que esta coisa não fosse uma Ideia platônica.

2.4 Vlastos

De todos os comentadores aludidos acima, G. Vlastos sem dúvida foi o que empreendeu as análises mais profundas e, a meu ver, mais lúcidas sobre a matéria. Sua sequência de artigos¹² é hoje considerada referencial na análise da ontologia platônica, seja para concordância, seja para discordância. Vlastos não apresenta termos novos para a distinção traçada por Aristóteles entre os atributos de uma Forma platônica¹³, mas ele a nomeia de “Distinção-P”¹⁴, e mostra, conforme comentarei mais adiante, que essa distinção seria inaceitável aos olhos de Platão.

2.5 O importante do texto aristotélico: a distinção de predicados

Para pensar a ontologia das Ideias espalhada pelo *corpus platonicum*, a passagem aristotélica traz tanto interessantes bases de investigação quanto graves problemas de análise. O ponto mais interessante parece ser a “relativização” da posse de certa qualidade por parte de um sujeito a determinados aspectos dele. Tal relativização é obtida na passagem através do dativo *hêi*,

¹¹ KEYT, 1969, p. 12-13.

¹² VLASTOS, *Degrees of Reality in Plato* (1965); *A Metaphysical Paradox* (1965/1966); *Reason and Causes in the Phaedo* (1969); *The Unity of Virtues in the Protagoras* (1972); *An Ambiguity in the Sophist* (1973a); *The ‘Two-Level’ Paradoxes in Aristotle* (1973b).

¹³ Embora ele estabeleça importantes conceitos e termos novos sobre assuntos correlatos, como a “Predicação Paulina”, que veremos mais à frente.

¹⁴ VLASTOS, 1973b, p. 327.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

frequentemente traduzida pelo latino *qua*: Ideia de F possui a qualidade A *enquanto (qua) F* (isto é, *com relação ao fato de ser F, com relação à sua natureza própria de F*), e possui a qualidade B *enquanto (qua) ideia* (isto é, *com relação ao fato de ser ideia, com relação à sua natureza própria de ideia*). Na linguagem de Cherniss, a Ideia de F sofre assim uma “análise” em dois diferentes aspectos ou “momentos”, ou seja, é possível traçar uma distinção entre seus predicados: características enquanto F, que podemos chamar de “*Propriedades Próprias*”, e características enquanto ideia, que podemos chamar de “*Propriedades Ideais*”.

3 UM TIPO DE DISTINÇÃO REALIZADA POR PLATÃO

O primeiro ponto a ser tratado por mim é a compatibilidade ou não dessa relativização com aquilo que emana dos próprios diálogos platônicos. Vejamos então rapidamente três passagens dos mesmos.

3.1 *República*

Em *República* V 454a1-d3 há algumas afirmações sobre duas atividades ou 'técnicas' de argumentação diferentes, a “antilógica” e a “dialética”. Sobre a primeira, é dito que seus adeptos, ao comparar duas coisas (“X” e “Y”), facilmente identificáveis como diferentes, afirmam simplesmente “ $X \neq Y$ ”, sem atentar para mais nada nisso. Assim, em seus jogos de contradições verbais, eles se divertem ao retirar da afirmativa conclusões absurdas, tais como: dado que concordamos que na cidade as pessoas diferentes não podem exercer a mesma atividade, e que “cabeludos” e “carecas” são diferentes, então conclui-se que, se os membros de um desses grupos poderem ser sapateiros, os membros do outro grupo não o poderão. Essas conclusões a que os adeptos dessa 'técnica' chegam são expressamente ditas serem “ridículas” (cf. *geloíon*, 454c6-6). Já da “dialética”, é dito que seus adeptos, diante da mesma situação, procurariam estar atentos para “*de que modo*” (*hopêi*) e “*com relação ao quê*” (*pròs ti*) X difere de Y, circunscrevendo suas conclusões à atenção a estas relações (454b6-9). Nesse sentido, a diferença entre os cabeludos e os carecas não diz respeito às *naturezas* de ambos que estão relacionadas às atividades que desempenham na cidade, mas apenas às suas condições 'capilares', podendo então os membros de ambos os grupos serem, sem problemas, sapateiros. *Mutatis mutantis*, mulher e homem são diferentes, mas eles não diferem quanto às atividades 'desempenháveis' por cada um: “não há na cidade nenhuma atividade própria à mulher “*devido ao fato de (dioti) [ser] mulher e [nem própria] ao homem devido ao fato de (dioti) [ser] homem*, então ambos podem ter a mesma ocupação na cidade” (455d7-9).

3.2 *Fédon*

Em *Fédon* 102b8-d3, o personagem Sócrates diz o seguinte: quando falamos simplesmente “Símias é maior que Sócrates”, as palavras dispostas simplesmente desse jeito não dizem a “verdade” dos fatos. Porque, ele explica, Símias não é maior que Sócrates “por sua natureza” [de Símias] (*pou pephykénai*), i.e., “com relação ao fato de ser Símias” (*tôi Simmían éinai*, 102c1-2); o que ocorre de fato é que a grandeza do primeiro ultrapassa a pequenez do segundo. Em seguida, ele diz que Símias ultrapassa [em altura] Sócrates não “porque Sócrates é Sócrates” (*bóti Sōkrátēs ho Sōkrátēs estín*), mas porque Sócrates possui pequenez em relação à (*pròs*) grandeza daquele (102c2-4). Se, na cena da *República*, a ausência de relativização da posse de uma propriedade poderia levar a resultados pueris e ridículos, no *Fédon*, o aparecimento dessa relativização parece notável e surpreendentemente positivo: o personagem Sócrates pensa no que realizara, e sorri, dizendo que, ainda que estranhas, as coisas são do jeito que ele diz (cf. *pou hōs légo*, *Fédon* 102d3). Logo, elas devem ser assumidas nesses termos, pois o falar de maneira incorreta seria não apenas “errar” e “soar fora do tom” (cf. *plemmelés*), mas, também, sobretudo, fazer mal às almas (*Fédon* 115e4-6).

3.3 *Mênon*

E, em uníssono ao *Fédon*, no passo 71d4-72d3 do *Mênon* – a famosa cena sobre definição de “virtude” – Sócrates e seu interlocutor chegam à conclusão de que todas as abelhas existentes não diferem nada em relação às características que as fazem abelhas, i.e. as características que elas possuem com relação ao fato de serem abelhas (*tôi melíttas éinai*, 72b4-5; *hēi mellítai eisín*, b8-9). Dizer tais características seria exibir a *essência* (*ousía*) de abelha (72b1).

3.4 Platão distinguindo propriedades

Que, portanto, extrair desses trechos desses três diálogos? Friso que o presente artigo não é ocasião para entrar no mérito da gigante questão se Platão já antecipava ou não a diferenciação aristotélica entre atributos acidentais e essenciais. Todavia, a partir dessas passagens, no mínimo podemos ter certeza de que a 'relativização' da posse de determinada qualidade a algum aspecto de um sujeito não só não era estranha a Platão, como lhe poderia ser significativa e reveladora desse sujeito. Isto no seguinte sentido: dizer as características de um animal com relação ao fato de ele ser animal é dar uma “definição” de animal”, é delimitar a “essência” de “animal”. Ou seja, é dizer o que atravessa e é comum a todos os casos de animal, e cuja pertença é *necessária* para algo ser “animal”. Do mesmo modo, podemos concluir que dizer as características de uma ideia com relação ao fato de ela ser ideia é dar uma “definição” de “ideia”, é delimitar a “essência” de ideia. Isto é, é dizer o que atravessa e é comum a todos os casos de ideia, e cuja pertença é *necessária* para algo ser “ideia”.

4 O PROBLEMA DA DISTINÇÃO-P ARISTOTÉLICA AOS OLHOS DE PLATÃO

Voltando a Aristóteles, munidos agora desses antecedentes platônicos, vimos que o Estagirita traça uma delimitação (“Distinção-P”¹⁵) entre dois tipos de qualidades de uma Ideia: as qualidades da Ideia de F com relação ao fato de ela ser F (as Propriedades Próprias), e as qualidades da Ideia de F com relação ao fato de ela ser ideia (as Propriedades Ideais). No exemplo dado pelo fundador do Liceu na passagem dos *Tópicos* (137b3-13) citada no início deste artigo, uma das características cuja pertença é necessária para algo ser um “animal” é “possuir alma e corpo”; e uma das características necessárias para algo ser uma ideia platônica é a “estabilidade” ou “imutabilidade” (isto é, “não sujeição à mudança” ou “estar em repouso”). Portanto, segundo a apresentação de Aristóteles, a Ideia de Animal, enquanto animal, possui alma e corpo, e, enquanto ideia, é imutável.

Há, contudo, algo de muito problemático na Distinção-P traçada nesses termos. Dentro da perspectiva aristotélica, esta distinção parte, como já assinalado acima, do pressuposto da autopredicação, segundo a qual a Ideia correspondente inteligível da qualidade F seria ela mesma uma coisa F. Por exemplo, a Forma de Justiça seria ela mesma uma coisa justa, e a Forma de Mesa seria ela mesma uma mesa. Exemplos desse entendimento aristotélico não faltam (*Tópicos* 154a16-20; *Ética a Nicômaco* I 6 1096a34-b5; etc). Contudo, se correto, isso geraria uma série de impossibilidades no pensamento platônico. Olhando para a Propriedade Própria e a Propriedade Ideal que Aristóteles apresentou em *Tópicos* 137b da Ideia de Animal, não é difícil ver que, pelo exposto nos diálogos, essas duas propriedades são incompatíveis entre si. Do ponto de vista do *corpus platonicum*, “alma” é princípio de movimento e mudança; e “corpo” é algo sujeito à mudança. Uma Ideia é algo por definição não sujeito à mudança, algo imutável, estável, e sempre incorpóreo. Ou seja, nesse exemplo apresentado nos *Tópicos*, a Ideia de Animal possui predicados incompatíveis entre si: algo não pode ser composto de alma e corpo, portanto ser corpóreo e sujeito a mudança, e ao mesmo tempo ser incorpóreo e imutável.

Assim, conforme muito bem mostrado por Cherniss (1946) e Vlastos (1973b), a Distinção-P em termos aristotélicos seria inaceitável para Platão, pois, enquanto fundamentada na autopredicação¹⁶, ela seria incompatível com a ontologia exposta nos diálogos platônicos. Dito de outro modo: a aceitação da autopredicação como regra geral para todas as Ideias destruiria parte fundamental daquilo que é chamado nos estudos clássicos de “Teoria das Ideias” platônica. Dito de outro modo: por ser sedimentada sobre a autopredicação, a Distinção-P traçada nos *Tópicos* é incompatível com os diálogos platônicos¹⁷.

Outros exemplos poderiam igualmente ilustrar essa incompatibilidade: se a Ideia é por definição incorpórea, eterna, intangível, imortal – logo, uma entidade incapaz de qualquer forma de vida ou de tomar qualquer decisão e realizar escolhas –, que sentido poderia haver então em dizer que a Ideia de Coragem ela mesma é “corajosa”, i.e. realiza atos “corajosos”? Ou dizer que a Ideia de Escudo é ela mesma um “artefato”? Ou que um ente inteligível, sem corpo (intangível) e sem formato (cf. *anaphês*, *aschemátistos*: *Fedro* 247c6-7), é ele mesmo “retangular” (se considerarmos a Ideia de Retângulo)?

¹⁵ VLASTOS, 1973b.

¹⁶ Cf. também OWEN, 1968; KEYT, 1969 e 1971; SANTAS, 1980.

¹⁷ Ver VLASTOS, 1972.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

Segundo Vlastos (1973b), no que concordaria Cherniss (1946), o problema da concepção aristotélica da Ideia como autopredicativa é que esta concepção está carregada demais, carregada com a ontologia que não é de Platão, mas do próprio Aristóteles. Segundo tais estudiosos, o Estagirita foi quem entendeu seus “universais” como imanentes e sendo “apenas os atributos comuns das classes dos particulares” (p. ex., *Metafísica* 1040b32-34; 105913-14; 1086b10-11). Não obstante, tal não era a posição do seu antigo mestre na Academia¹⁸.

5 O PONTO POSITIVO DA DISTINÇÃO-P ARISTOTÉLICA

Entretanto, como vimos, a relativização, que Aristóteles apresenta nos *Tópicos*, da posse de uma qualidade por um sujeito, foi não só utilizada por Platão em outros contextos, como parecia ter, nestes momentos, mesmo uma marcada importância: o personagem Sócrates platônico diz que falar sem *tomar esse cuidado* é não falar a verdade (*Fédon* 102b7-1), é não ser digno de ser considerado dialético, mas estar sujeito a conclusões pueris e ridículas (*República* V 454a1-d3).

É-nos lícito concluir, então, que esse tipo de “cuidado” ou “precisão” pode ser especialmente importante no estudo da ontologia platônica, porque contribui para melhor iluminação das essências (*ousíai*) de que ela trata, como visto na cena aludida do *Ménon*. Ora, diante dessa aparente importância e utilidade da tal “análise da ideia”¹⁹ que a Distinção-P representa, poderíamos nos perguntar: é possível traçar uma nova Distinção-P (isto é, uma distinção por relativização dos atributos das ideias platônicas), a qual, diferentemente daquela traçada por Aristóteles (*Tópicos* 137b3-13), seja compatível com a ontologia apresentada nos diálogos?

6 AS NOÇÕES DE “PREDICAÇÃO PAULINA” E DE “PREDICAÇÃO ORDINÁRIA”

No tratamento de nossa matéria, Vlastos (1972) identifica dois tipos de maneiras de um enunciado atribuir uma propriedade a um sujeito, ou “predicar-lhe um atributo”. Ele chamou essas duas maneiras de “Predicação Paulina” e “Predicação Ordinária” (esta última também chamada por alguns de “não-Paulina”). Conforme veremos, a novidade é a primeira, a “paulina”, haja vista ela fazer apelo a uma demora maior, por parte do intérprete do enunciado, sobre o real sentido da assertiva que a contém. De início, Vlastos procurará mostrar justamente que, ainda que seu esmiuçamento nos cause espécie, esse tipo de predicação é recorrente e perfeitamente normal na linguagem a que estamos todos habituados a empregar. Para evidenciar isso, o estudioso dará dois exemplos aceitáveis de ocorrência perfeitamente detectável de Predicação Paulina²⁰: um em grego antigo (em *koine*), outro em inglês – ambas as passagens são aqui citadas já traduzidas:

¹⁸ Ver VLASTOS, 1973b; CHERNISS, 1946.

¹⁹ CHERNISS, 1946, p. 5.

²⁰ VLASTOS, 1972.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται, ἡ ἀγάπη οὐ ζηλοῖ, οὐ περπερεύεται, οὐ φυσιοῦται, οὐκ ἀσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς, οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ κακόν, οὐ χαιρεῖ ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συγχαιρεῖ δὲ τῇ ἀληθείᾳ: πάντα στέγει, πάντα πιστεύει, πάντα ἐλπίζει, πάντα ὑπομένει. Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει.

A caridade é paciente, é benigna. A caridade não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acaba.

(1 *Coríntios* 13, 4-8 – trad. de J. F. Almeida, com modificações)

O melhor tipo de coragem (aquela a qual faria um homem agir sem egoísmo num campo de concentração) é inabalável, calmo, temperante, inteligente, amável [...].

(MURDOCH, 1970, p. 57²¹)

Em relação ao primeiro exemplo, Vlastos afirma que, quer os próprios destinatários (os coríntios), quer nós mesmos hoje em dia, qualquer um que lesse a epístola do apóstolo Paulo entenderia que ele estava “obviamente predicando “paciência” e “bondade” daqueles que têm a virtude da caridade”, e nada de diferente disso²². Isto é, seria absurdo arguir que algum homem são entenderia que, na sentença bíblica acima, uma qualidade moral como paciência estivesse literalmente sendo atribuída a uma outra qualidade moral, a caridade, que como tal é uma entidade igualmente abstrata e sem possibilidade de ser ela mesma “paciente” ou “impaciente”. E o mesmo vale para a sentença de Murdoch, citada na sequência: o único sentido razoável que existe na mesma é: quem quer que tenha coragem (isto é, que seja “corajoso”), será também “inabalável”, “calmo”, “temperante”, “inteligente” e “amável”. Senão, que sentido poderia haver em dizer que a coragem ela mesma, enquanto qualidade moral, é... “inteligente”? Poderia uma qualidade abstrata ser... “amável” ou “intratável” com alguém?

A partir dessas explicações, podemos agora definir os dois tipos de predicação identificados por Vlastos²³ em sentenças envolvendo qualidades:

“*Predicação Ordinária*”: é quando a propriedade atribuída na sentença à qualidade é para ser entendida como sendo literalmente atribuída à qualidade mesma, enquanto entidade abstrata. Assim como em “Abraão é pio” a piedade está sendo atribuída ao próprio Abraão, nas sentenças “Justiça é um universal”, “Justiça é definível”, “Justiça é uma propriedade moral”, os predicados são para serem entendidos como sendo atribuídos literalmente à “Justiça”, “entidade abstrata” (na linguagem vlastosiana), ou “Ideia inteligível” (na linguagem platônica)²⁴.

²¹ MURDOCH, 1970, p. 57, *apud* VLASTOS, 1972, p. 253.

²² VLASTOS, 1972, p. 253.

²³ VLASTOS, 1972, p. 235-239; 253-254; 1973, p. 272-274.

²⁴ O presente trabalho não é ocasião para entrar no mérito relativo a se o tratamento como “qualidades abstratas” como “conceitos lógico-linguísticos” é ou não apropriado para as Ideias platônicas. Entretanto, sobre isso, eu gostaria de opinar apenas duas coisas: i) eu considero legítima a crítica empreendida a este tratamento por

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

“*Predicação Paulina*”: é quando a propriedade atribuída na sentença à qualidade é para ser entendida como sendo literalmente atribuída não a ela mesma, entidade abstrata, mas sim a todo e qualquer caso particular que houver dessa qualidade, e isso de maneira *necessária*. Em linguagem platônica: trata-se da atribuição literal da qualidade não à própria Ideia inteligível, mas sim às coisas que nela participam, de maneira obrigatória. Portanto, sentenças do tipo “paulino” (em vocabulário vlastosiano), como “Justiça é Imparcial” (ou a forma cristalizada proverbialmente em português: “Justiça é cega”), e “Coragem é sábia”, se fossem traduzidas em predicação ordinária, ficariam assim:

“Justiça é imparcial” (Pred. Paul.) = “Se houver algum homem justo (i.e., um caso particular de Justiça), ele *necessariamente* será também imparcial” (Pred. Ord.)

“Coragem é sábia” (Pred. Paul.) = “Se houver algum homem corajoso (i.e., um caso particular de Coragem), ele *necessariamente* será também sábio” (Pred. Ord.)

E o mesmo vale para toda sentença interpretada como paulina: “Justiça é pia”, “Coragem é inabalável”, “Caridade é benigna”, etc. Assim, em termos de ontologia platônica decodificada na linguagem de Vlastos: uma “Predicação Paulina” de uma Ideia inteligível representaria uma Predicação Ordinária necessária para todos os entes particulares que porventura participem nessa Ideia. Nesse sentido, a sentença “Homem em Si (ou a Ideia de Homem) é mortal”, lida como Predicação Paulina, poderia ser traduzida em Predicação Ordinária assim: “todo espécime da Ideia de Homem (i.e. todo “homem” particular) que houver será necessariamente mortal”.

7 SERIA POSSÍVEL UMA VERSÃO DA DISTINÇÃO-P COMPATÍVEL COM OS DIÁLOGOS DE PLATÃO?

Saliento que vou procurar, em minha proposta, dialogar com as definições de propriedades que os comentadores abordados, a partir de Aristóteles, utilizaram, seja incorporando-as, seja explicitando o motivo da rejeição, de acordo com a oportunidade. Considerando o que é afirmado sobre as entidades inteligíveis nos diálogos, eu gostaria de sugerir uma distinção de propriedades numa Ideia inteligível platônica em três tipos:

“*Propriedades Ideais*”: São as propriedades que são exclusivas das Ideias e que as diferenciam dos entes sensíveis. Nesse sentido, é perfeitamente possível dizer que tais qualidades são as causas do que Franco Ferrari (2003) chamou de “separação ontológica”. Chamo atenção que, com minha definição a seguir das “propriedades ideais”, pretendo incorporar as definições de Owen (1968) e de Keyt (1969 e 1971), e até a concepção aristotélica: trata-se de propriedades que todas as Ideias têm, cuja ausência de algo implicaria que algo não fosse uma Ideia platônica (noção de “necessidade”); e são também propriedades da Ideia *qua Ideia*, i.e., *com relação ao fato de ser Ideia*.

autores como Dixsaut (2001); contudo ii) eu não considero que as questões (como a respeito de autopredicação e Predicação Paulina) levantadas por Vlastos nos artigos mencionados neste meu texto deixem de existir mesmo se efetuarmos a “correção” (reclamada por Dixsaut) da visão ‘lógica’ para a ‘ontológica’. Por exemplo, o fato de eu chamar as Ideias de “entidades inteligíveis reais” em vez de “entidades abstratas” ou “conceitos” não faz com que a consideração delas como “autopredicáveis”, como regra geral, deixe de conduzir a absurdos.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

“*Propriedades Definidoras*”: São as propriedades que definem a Ideia específica que cada Ideia é. E, lembrando dos dois tipos de predicação que Vlastos demonstrou, tais propriedades são atribuídas às Ideias na modalidade de Predicação Paulina – o que significa, em termos gerais, que, se houver algum caso particular dessas Ideias, tais propriedades lhe serão necessariamente atribuídas, e atribuídas na modalidade de Predicação Ordinária. Ao dizer então “Homem é animal bípede”, não se está atribuindo literalmente (i.e. em Predicação Ordinária) à própria Ideia Homem a posse de alma e corpo, ou de dois pés. O que está sendo dito é que, se houver algum caso particular desta Ideia (se existir algum “homem”), ele necessariamente deverá ter alma e corpo, bem como lhe ser natural andar sobre dois pés. Como não é difícil ver, a atribuição por uma Ideia destas “propriedades definidoras” às coisas que nela participam é a tradução, na linguagem da predicação (cunhada pelos comentadores analíticos), da relação causal entre Ideia e ente participante conhecida no *corpus platonium* como “participação”. Com esta minha definição, eu tento absorver o que de positivo havia nas definições de Keyt e Owen, a partir do texto dos *Tópicos*, para os “atributos próprios” (“propriedades da Ideia de F *qua* Ideia de F”); “propriedades que definem a Forma específica que a Forma é”), não me vendo contudo obrigado a assumir a autopredicação²⁵ que estes dois comentadores, na esteira de Aristóteles, consideravam como implicada em suas definições.

“*Propriedades Existenciais*”: são comuns a Ideias e entes sensíveis na modalidade de Predicação Ordinária para ambos. Exemplos de Propriedades Existenciais: existência, identidade e alteridade. Frise-se que um determinado ente não recebe estas propriedades através da participação na Ideia correspondente inteligível deste ente, mas sim nas Ideias correspondentes inteligíveis destas próprias qualidades. De fato, possuímos obra platônica que deixa claro que tais propriedades são causadas por participação nos chamados “Gêneros Supremos” (*mégista géne*): Ideia de Ser, Ideia de Mesmo e Ideia de Outro (*Sofista* 250d-259a). Nesse sentido, o ente sensível “este escudo de madeira” não é o mesmo que si mesmo por participação na Ideia de Escudo, mas sim por participação na Ideia de Mesmo.

8 COMPATIBILIDADE DA NOVA DISTINÇÃO-P COM OS DIÁLOGOS PLATÔNICOS

É fato que não encontramos nos textos platônicos uma apresentação expressa dessa nova versão da Distinção-P oferecida acima. Nesse sentido, ela não poderia contar como uma resposta autenticamente “platônica” às dificuldades levantadas por Aristóteles em *Tópicos* 137b. Contudo, resta a pergunta: mas ela seria uma resposta “possível” para Platão? Creio que tenhamos elementos suficientes para dizer que sim.

²⁵ É importante frisar que essa assunção da autopredicação é problemática porque esta noção foi assumida como regra geral para todas as Ideias. Isso entretanto não significa que não haja casos específicos não problemáticos de autopredicação, como por exemplo, para as Ideias que são causa das características que eu chamarei de “*propriedades existenciais*”. Para estas Ideias, como p. ex. a Ideia de Mesmo e Outro, não é problemático elas serem “mesmas” que si mesmas e “outras” que as outras. Estes são casos de autopredicação naturais e “inofensivos”, segundo Vlastos, 1973 (1969b), p. 337. Para maiores detalhes acerca da matéria, ver Anexo 6, in SILVA, 2017. Para uma outra perspectiva possível de abordagem do problema da autopredicação, ver SILVA, 2015.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

Como vimos, existe no *corpus platonicum* o mesmo tipo de procedimento de que se valeu Aristóteles para alcançar a versão original da Distinção-P, a saber, a distinção dos atributos de uma entidade a partir da relativização da posse desses atributos a certos aspectos dessa entidade. Sabemos que Platão utilizou essa distinção no caso dos cabeludos e calvos, na *República*, no caso de Sócrates e Símiias, no *Fédon*, e no caso das abelhas, no *Mênon*. Com relação a estes usos por parte de Platão, a distinção aristotélica tem o diferencial de ter sido aplicada ao caso das ideias inteligíveis. O que leva à pergunta: seria possível aos olhos de Platão uma tal aplicação?

Creio que sim. Ainda que não tenhamos uma apresentação expressa da nova versão da Distinção-P que eu apresento neste artigo, temos uma passagem de obra platônica em que, entendendo, a distinção que eu tracei acima está *subentendida* na reflexão sobre a causa da posse de certas propriedades pelas ideias inteligíveis. Trata-se de *Sofista* 255e3-7:

πέμπτον δὴ τὴν θατέρου φύσιν λεκτέον ἐν τοῖς εἶδεσιν οὕσαν, ἐν οἷς προαιρούμεθα.

ναί.

καὶ διὰ πάντων γε αὐτὴν αὐτῶν φήσομεν εἶναι διεληλυθυῖαν: ἐν ἑκάστον γὰρ ἕτερον εἶναι τῶν ἄλλων οὐ διὰ τὴν αὐτοῦ φύσιν, ἀλλὰ διὰ τὸ μετέχειν τῆς ιδέας τῆς θατέρου.

κομιδῆ μὲν οὖν.

[Estrang.] [...] É necessário então considerar a natureza do Outro como uma quinta Ideia entre as que já estabelecemos.

[Tee.] Sim.

[Estrang.] Diremos, também, que ela se estende através de todas as outras. **Cada uma delas, com efeito, é outra que as outras, não em virtude de sua própria natureza, mas pelo fato de que ela participa da Ideia do Outro.**

[Tee.] Com certeza.

(PLATÃO, *Sofista* 255d9-e7 – grifos nossos)

Ao fazer a distinção entre um atributo de uma Ideia relacionado à sua “própria natureza”, e um atributo relacionado à sua participação na Ideia de Outro, Platão parece estar partindo de uma *subentendida* distinção entre ao menos dois tipos de atributos, os “próprios” ou “definidores”, i.e. aqueles que pertencem individualmente àquela Ideia em específico, à sua natureza específica, e os “existenciais”, i.e. aqueles que pertencem a todas, e que cada Ideia possui por participação nos Gêneros Supremos apresentados no *Sofista* (Ideia de Mesmo, Ideia de Outro e Ideia de Ser)²⁶.

²⁶ Para um aprofundamento na matéria, ver também SILVA, 2017, Capítulo 5 e Anexo 6.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

ENCAMINHAMENTOS FINAIS: A IMPORTÂNCIA DA NOVA DISTINÇÃO-P PARA OS ESTUDOS PLATÔNICOS

Se pudermos aceitar essa nova versão da Distinção-P, então poderemos ver a sua utilidade para iluminar alguns aspectos da ontologia platônica, como, por exemplo, a dinâmica da “participação”²⁷. Todos conhecemos a regra estabelecida em *Fédon* 100b5-c8, segundo a qual *um ente qualquer possui o atributo F somente devido ao seu participar na Ideia de F*.

Contudo, a partir da nova versão da Distinção-P sugerida acima, essa regra do *Fédon* pode ser reescrita com uma maior precisão: *quando um ente participa numa Ideia, é a posse das Propriedades Definidoras da Ideia que a Ideia causa neste ente. Isto é, a participação de um ente em uma Ideia faz com que o ente possua apenas as Propriedades Definidoras da Ideia*.

Com isso, visa-se *delimitar o escopo da participação*, e isto representa um ganho não pequeno para os estudos clássicos. Se a regra puder ser aceita como acima definida, então, dentro da ontologia platônica, por participar na Ideia de Belo, uma estátua é bela mas não “imprecívél” (*Parmênides* 130e4-131a3; *Fédon* 100b5-c8). E, por participar na Ideia de Lançadeira, um instrumento é uma lançadeira mas não “incorpóreo” (*Crátilo* 389b1-c2). Uma direção diferente se mostraria como inaceitável: se, nestes exemplos, algumas das “propriedades ideais” das Ideias fossem compartilhadas pela participação, como por exemplo a imprecivibilidade e a incorporeidade, nosso mundo seria composto de entes que seriam sensíveis, e, ao mesmo tempo, imprecívéis e incorpóreos. Ou seja, nosso mundo seria uma total absurdidade²⁸. Portanto, há de se notar, a nova Distinção-P aqui proposta, quando utilizada para restringir o escopo da participação, é capaz de evitar uma tal absurdidade.

Assim sendo, um início de resposta platônica a *Tópicos* 137b, se alguma for possível, seria reconhecer, ao menos, que não é uma tal absurdidade que está sendo proposta nos diálogos de Platão, e que a distinção de predicados precisa partir de uma perspectiva diferente daquela apresentada na obra aristotélica.

Quiçá, precisa partir de uma distinção como a que fora apresentada no presente trabalho²⁹.

Pois veja bem, ó nobre Criton: o falar incorretamente não é apenas incorrer em erro, mas fazer mal às almas.

Personagem Sócrates platônico (poucos minutos antes da cicuta)³⁰

²⁷ Cf. OWEN, 1968; KEYT, 1969 e 1971; VLASTOS, 1973b.

²⁸ Cf. KEYT, 1971; SHIELDS, 2011.

²⁹ E que, como foi aqui defendido, é passível de ser entrevista nas linhas do *Sofista*.

³⁰ PLATÃO. *Fédon* 115e4-6.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, R. E. Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues. *In*: ALLEN, R. E. (ed.). **Studies in Plato's Metaphysics**. London: Routledge and Kegan Paul, 1967 (1960), p. 43-60.
- ALLEN, R. E.. **Plato's Parmenides**. London: Routledge & Kegan Paul, 1997.
- ARISTOTE. **Topiques**. Tome I. Livres 1-4. Trad. J. Brunschwig. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- ARISTOTE. **Topiques**. Tome II. Livres 5-8. Trad. J. Brunschwig. Paris: Les Belles Lettres, 2007.
- ARISTOTLE. **Topics**. Books I and VIII. Transl. by R. Smith. Oxford: Clarendon Press, 2003 (1997).
- ARISTOTLE. **Posterior Analytics. Topica**. Transl. by H. Tredennick and E. S. Forster. Cambridge: Harvard University Press, 1955.
- ARISTÓTELES. **Tópicos**. Tradução de L. Vallandro e G. Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução J. F. de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CHERNISS, H. **Aristotle's criticism of Plato and the Academy**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1946 (1944).
- CHERNISS, H. "Parmenides and the Parmenides of Plato". *In*: **The American Journal of Philology**, vol. 53, no. 2 (1932), p. 122-138.
- CORNFORD, F. M. **Plato and Parmenides. Parmenides' way of truth and Plato's Parmênides**. London: Routledge & Kegan Paul, 1950.
- DIXSAUT, M. **Métamorphoses de la dialectique dans le dialogues de Platon**. Paris: Vrin, 2001.
- FERRARI, F. "L'idea del bene: collocazione ontologica e funzioni causale". *In* PLATONE. **La Repubblica**. Vol. V. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.
- FINE, G. (ed.) **Plato. 1, Metaphysics and Epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- FRONTEROTTA, F. **METHEXIS: La teoria platonica delle idee e la partecipazione delle cose empiriche**. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2001.
- KEYT, D. "Plato's paradox that the Immutable is Unknowable". *In*: **Philosophical Quarterly** 19 (1969), p. 1-14.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

KEYT, D. "The mad craftsman of the *Timaeus*". *In: Philosophical Review* 80 (1971), p. 230-235.

KRAUT, R. (ed.) **Plato's Republic: Critical Essays**. New York: Rowman & Littlefield, 1997.

MURDOCH, I. **The sovereignty of Good**. London: Routledge & Kegan Paul, 1970.

NATORP, P. **Plato's Theory of Ideas**. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2004 (1903).

NEHAMAS, A. "Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues". *In: The Review of Metaphysics* (1972).

OWEN, G. E. L. Dialectic and Eristic in the treatment of Forms. *In: OWEN, G. E. L. (ed.). Aristotle on Dialectic: the Topics*. Proceedings of the Third Symposium Aristotelicum. Oxford: Clarendon Press, 1968, p. 103-125.

PLATONE. **Parmenide**. Introduzione, traduzione e note de Franco Ferrari. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2004.

ROSS, W. D. **Plato's Theory of Ideas**. Oxford: Clarendon Press, 1953 (1951).

RYLE, G. "Plato's Parmenides". *In: Mind*, vol. 48, no. 190 (1939).

SANTAS, G. "The Form of the Good in Plato's Republic". *In: Philosophical Inquiry* (1980). Reeditado em: ANTON, J. P.; PREUS, A. (ed.) **Essays in Ancient Greek Philosophy** vol. II. Albany: State University of New York Press, 1983; e em FINE, G. (ed.) **Plato. 1, Metaphysics and Epistemology**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SCOLNICOV, S. **Plato's Parmenides**. Berkeley: University of California Press, 2003.

SHIELDS, C. "Surpassing in Dignity and Power: The Metaphysics of Goodness in Plato's Republic". *In: ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.). Socratic, Platonic and Aristotelian Studies: Essays in Honor of Gerasimos Santas*. London: Springer Science+Business Media, 2011.

SILVA, A. L. B. "Ideias de Bem e de Belo, os fótons da filosofia? - uma discussão com Gerasimos Santas arbitrada por G. Vlastos". *In: Investigação Filosófica*, Vol. 6 - Edição especial do I Encontro Investigação Filosófica (2015), p. 62-79 (disponível em <http://periodicoinvestigacaofilosofica.blogspot.com.br/> - página de internet, acesso em 18/12/2015, às 15:03).

SILVA, A. L. B.. **Platão, o Bem, e a fragilidade da jangada humana: um estudo sobre o símile do Sol da República**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017. Tese (Doutorado em Filosofia). Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-18072017-160906/publico/2017 AndreLuizBragaDaSilva_VCorr.pdf (acesso em: 02/03/2022)

VLASTOS, G. A metaphysical paradox. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973 (1965/1966), p. 5-19.

Uma distinção de predicados das ideias platônicas nos *Tópicos*

SILVA, André Luiz Braga da

VLASTOS, G. Degrees of reality. *In*: VLASTOS, G.. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973 (1965).

VLASTOS, G.. Reason and Causes in the Phaedo. *In*: VLASTOS, G.. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973 (1969).

VLASTOS, G.. Self-predication in Plato's Later Dialogues. *In*: VLASTOS, G. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973 (1969b).

VLASTOS, G.. The Unity of Virtues in the Protagoras. *In*: VLASTOS, G.. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973 (1972).

VLASTOS, G.. An Ambiguity in the Sophist. *In*: VLASTOS, G.. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973. ("1973a").

VLASTOS, G. The "Two-Level Paradoxes" in Aristotle. *In*: VLASTOS, G.. **Platonic Studies**. Princeton: PUP, 1973. ("1973b")